

As rochas da região

As rochas da região de Tibagi estão classificadas em quatro grupos, conforme sua posição no tempo e espaço: Castro, Rio Ivaí, Paraná e Itararé.

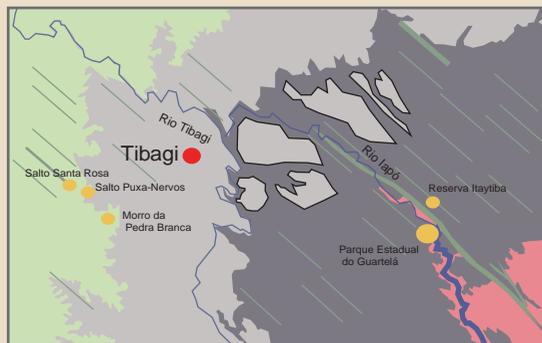
O Grupo Castro, constituído por rochas vulcânicas como riolitos e ignimbritos, ocorre no fundo do Canyon Guartelá. Foi formado nos períodos Cambriano e Ordoviciano (cerca de 500 milhões de anos), representando o fim de um período muito ativo tectonicamente e o início da deposição dos sedimentos da Bacia do Paraná.

Sobre as rochas do Grupo Castro está o Grupo Rio Ivaí (Formação Iapó - Período Siluriano - 430 milhões de anos), representado por diamictitos. Estas rochas são uma evidência de um período glacial, quando os continentes estavam próximos ao Pólo Sul. Foi o início da sedimentação da Bacia do Paraná.

O Grupo Paraná é o que ocorre em maior abundância nesta região com os conglomerados e arenitos esbranquiçados da Formação Furnas em pacotes imensos formando as paredes do Canyon Guartelá e, os folhelhos e siltitos da Formação Ponta Grossa, originados em ambiente marinho de plataforma e ricos em fósseis. Essas rochas indicam que houve, nesta época (Siluriano/Devoniano), uma entrada do mar sobre esta região.

Sobrepondo-se a essas litologias, está o Grupo Itararé de idade permo-carbonífera (300 milhões de anos), com rochas de origem glacial, representado na região por arenitos avermelhados e diamictitos.

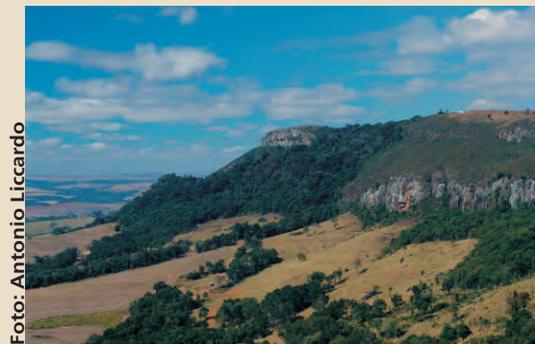
Todas essas rochas são cortadas eventualmente por diques de diabásio e microdioritos de idade mesozóica (150 milhões de anos), que se originaram de magmatismo associado à separação da América do Sul da África.



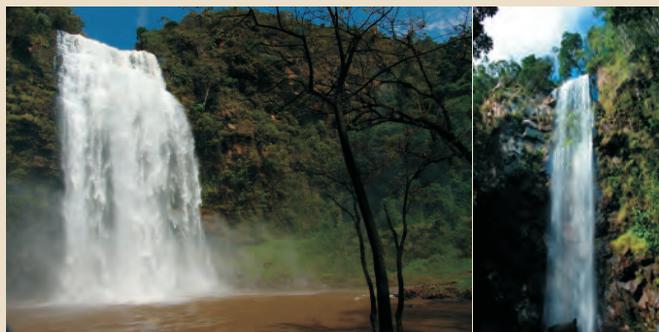
- Formação Serra Geral - diques de diabásio e microdioritos
- Grupo Itararé - arenitos, folhelhos, siltitos e diamictitos
- Formação Ponta Grossa - folhelhos e siltitos
- Formação Furnas - arenitos e conglomerados
- Grupo Castro - riolitos e ignimbritos

Mapa geológico da região de Tibagi, com indicação das principais formações litológicas. Percebe-se que o comportamento dos rios está condicionado às estruturas e rochas e que, neste caso, tendem a apresentar direção noroeste-sudeste, assim como os canyons e diques de diabásio.

Serra da Pedra Branca



A Serra da Pedra Branca, também conhecida como Morro do Jacaré, é uma característica elevação com aproximadamente 200 metros de altura composta por arenitos branco-avermelhados do Grupo Itararé. Esse pacote de rochas, formado por areias de origem glacial, destaca-se na paisagem por apresentar uma conformação peculiar e ser visível a grandes distâncias. Isso acontece porque o arenito é uma rocha mais resistente aos agentes intempéricos que as rochas vizinhas (folhelhos) e estas foram bastante alteradas e desgastadas, resultando na diferença de relevo. Essa serra, usada como principal referência nos mapas antigos da região, possivelmente era também um marco de orientação dos povos antigos e faz parte do Caminho do Peabiru. Esse caminho era a principal rota dos povos pré-colombianos e fazia a ligação entre os guaranis e os incas. Os primeiros exploradores europeus também utilizaram este caminho, como Cabeza de Vaca e os bandeirantes portugueses e paulistas. Atualmente, a Serra da Pedra Branca é procurada por outro tipo de exploradores: os praticantes de vôo livre.



O Salto Santa Rosa e o Salto Puxa-Nervos encontram-se próximo à Serra da Pedra Branca, constituindo quebras abruptas de relevo no arenito do Grupo Itararé. Na base dos saltos as rochas tendem a ter granulometria mais grosseira com presença esporádica de conglomerados. Estes saltos, importantes atrativos turísticos de Tibagi, estão abertos para visitação.

Canyon Guartelá



O Canyon do Guartelá é uma garganta com cerca de 30km de extensão e com desníveis de até 450m escavada pelo rio Iapó. Esse rio tem suas nascentes no Primeiro Planalto e deságua no rio Tibagi, vencendo a escarpa que separa os planaltos (Escarpa Devoniana) e escavando os arenitos da Formação Furnas, os diamictitos da Formação Iapó e correndo sobre as rochas vulcânicas do Grupo Castro. O Canyon é determinado por longas fraturas de direção noroeste-sudeste, às vezes preenchidas por diques de diabásio, ligadas ao Arco de Ponta Grossa, estrutura geológica ativada na separação continental América do Sul e África.

A garganta se formou por erosão diferencial, pois o diabásio se decompõe mais facilmente que o arenito em presença de água. Quando o dique alcança os folhelhos da Formação Ponta Grossa, na extremidade noroeste, o canyon desaparece porque as rochas encaixantes do dique se alteram com a mesma facilidade. O Parque Estadual do Guartelá é uma área protegida e com possibilidade de visitação. Relevo ruiforme, lapas com pinturas rupestres, cachoeiras, caldeirões, caverna e imensos paredões formam as atrações do parque. Mais informações você encontra em painéis no próprio local.



Exemplo de fósseis do grupo brachiopoda característico da Formação Ponta Grossa. Este espécime foi encontrado em afloramento junto a rodovia transbrasiliana, BR153, próximo a cidade de Tibagi.

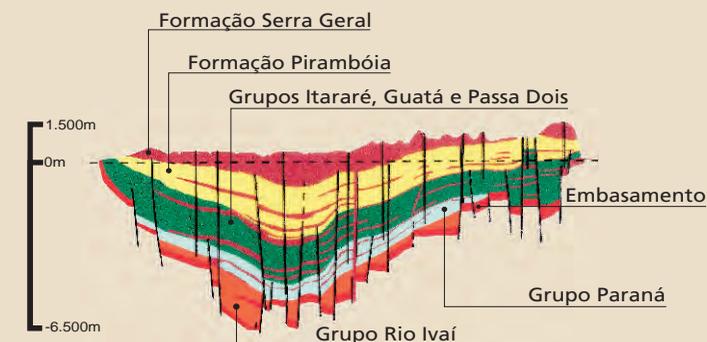
A Bacia do Paraná

A bacia do Paraná é uma enorme depressão alongada que foi preenchida por sedimentos que podem apresentar até 6km de espessura. Esta enorme estrutura com uma área aproximada de 1.400.000km² é representada na geografia do território paranaense pelos Segundo e Terceiro Planaltos. No início de sua formação, a posição dos continentes era muito diferente da atual, pois a América do Sul estava ligada à África, formando o megacontinente Gondwana. A evolução da bacia foi relativamente calma e longa, o que possibilitou a deposição de sedimentos em ambientes variados, como marinho, deltaico, lacustre, fluvial, glacial e desértico.

Quando os continentes se separaram a maior parte da Bacia foi recoberta por derrames de lava basáltica. Hoje, as rochas da Bacia do Paraná contam a história desta parte do planeta nos últimos 350 milhões de anos, o que no Paraná fica bastante característico no Segundo Planalto.



Localização da Bacia do Paraná no território nacional.



Seção geológica esquemática da Bacia do Paraná.

Ouro e Diamante

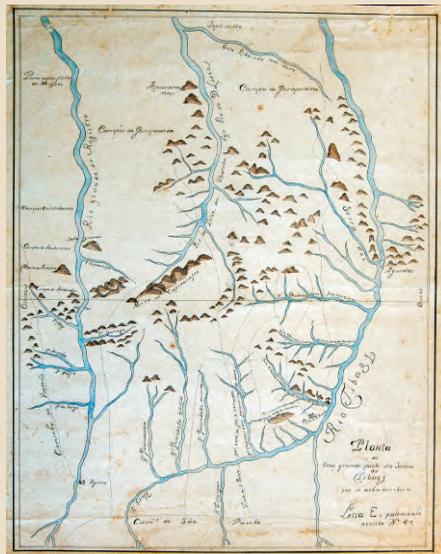
Até meados do século XVIII, todo o interior a oeste de Curitiba era conhecido como “Os Sertões do Tibagy”. Pouco se conhecia da geografia desta região e sabe-se da presença de faiscadores de ouro nas “minas da Pedra Branca” e das primeiras fazendas em torno de 1720.

A primeira notícia de diamantes encontrada nesta região, em 1754, refere-se aos exploradores Ângelo Pedroso de Lima e Marcelino Rodrigues de Oliveira, moradores do Tibagi cujo escravo Anselmo achou uma pedra cristalina e lustrosa quando faiscava nos córregos da região. Relatos de exploradores europeus que estiveram no Brasil a convite da coroa portuguesa, como Auguste de Saint-Hilaire, passando na região em 1820, fazem menção ao contrabando de “minérios” (diamante e ouro).

Na primeira metade do século XX, o diamante do rio Tibagi ficou famoso pela sua qualidade. Nesta época houve um grande surto de garimpagem no local, com a presença de mineradores da Bahia e Minas Gerais, principalmente no final dos anos 30 e início dos anos 40. O uso de escafandros para mergulhadores difundiu-se e começou-se a lavar o fundo do rio Tibagi.

Atualmente, tanto o diamante como o ouro são explorados esporadicamente, condicionado muitas vezes às épocas de estiagem. Sempre encontrados em depósitos aluvionares ou em terraços antigos, as rochas-fonte dos diamantes ou do ouro ainda são desconhecidas.

Para conhecer mais sobre o ciclo do diamante e do ouro no município de Tibagi visite o Museu do Garimpo.



“Mapa do Sertão do Tibagy, riquíssimo de haveres, de ouro, estanho fino, antimônio excelente, como de campos férteis para criar animais 1755”. Fonte Museu Paranaense.



A Rota dos Tropeiros é um dos mais antigos caminhos do Brasil, ligando o sul do país, produtor de gado, aos centros econômicos no sudeste e conhecida desde o século XVIII. Esse caminho interliga, hoje, 16 municípios do Paraná que apresentam potencial para turismo em função da cultura do tropeirismo e têm em comum um belíssimo patrimônio natural. TIBAGI está inserida nesta Rota. A natureza geológica é o principal fator que determinou esta paisagem e influenciou fortemente o traçado deste caminho na condução das tropas.



Informações:
www.rotadostropeiros.net www.tibagi.pr.gov.br www.mineropar.pr.gov.br



MINEROPAR
MINERAIS DO PARANÁ SA



Parceiros:



Elaboração
Antonio Liccardo
Gil F. Piekarz

Design gráfico
Antonio Liccardo
André Ramiro Pierin
Gil Piekarz

O Rio Tibagi



Foto: Antonio Liccardo

Vista do Rio Tibagi da ponte localizada na entrada da cidade.

O Tibagi é um rio caudaloso encaixado, nesta região, em rochas areníticas e conglomerados do Grupo Itararé que corre para noroeste. Na separação dos continentes e formação do Oceano Atlântico, a borda leste do Brasil começou a subir fazendo com que rios como o Tibagi ou o Iguaçu corram para o lado oposto do mar. O Tibagi apresenta um substrato bastante irregular, com caldeirões e painéis formados pelo desgaste erosivo das águas. Eventualmente é cortado por diques de diabásio, rocha de origem vulcânica que preenche fraturas. Esses diques estão associados às inúmeras corredeiras ao longo do rio. Historicamente sempre foi local de passagem de bandeirantes e tropas que saíam de São Paulo rumando para o sul à caça de índios e em busca de minérios, sendo uma importante referência geográfica do Segundo Planalto.

Devido às suas corredeiras e saltos, o rio Tibagi destaca-se como atrativo turístico e esportivo onde são praticados o rafting e a canoagem.



Imagem da mineração de diamante na década de 30, no auge da produção na região de Tibagi. O método de extração envolvia mergulhadores com escafandro. Fonte: Museu de Tibagi.

Sítio Geológico

Tibagi